

Anne
DE
AVONLEA

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE

AVONLEA

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Avonlea

Texto

Lucy Maud Montgomery

Revisão

Mariane Genaro

Fernanda R. Braga Simon

Tradução

Rafael Bonaldi

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Preparação

Karoline Cussolim

Ilustração de capa

Beatriz Mayumi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Avonlea: Anne of Avonlea / Lucy Maud Montgomery ;
traduzido por Rafael Bonaldi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.
288 p. ; 16cm x 23cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-380-9254-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Bonaldi, Rafael. II. Título.

2019-2267

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição revista em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Um vizinho enfurecido.....	9
Vendendo às pressas e arrependendo-se a perder de vista	20
Na casa do senhor Harrison.....	27
Opiniões diferentes	35
Uma verdadeira professora	41
Todos os tipos e condições de homens... E mulheres	49
O senso de dever.....	61
Marilla adota os gêmeos	67
Uma questão de cor.....	77
Davy em busca de emoções	84
Fatos e fantasias	95
Um dia de cão	105
Um passeio dourado	113
Um perigo evitado.....	123
O início das férias.....	135
A essência das coisas esperadas	143
Um capítulo sobre acidentes	150
Uma aventura na estrada Tory.....	162
Apenas um dia feliz	172
Como as coisas geralmente acontecem	183
A doce senhorita Lavendar	191
Miudezas.....	204
O romance da senhorita Lavendar.....	209
Um profeta em sua terra natal	217
Um escândalo em Avonlea.....	226
Depois da curva.....	239
Uma tarde na Casa de Pedra.....	251
O príncipe retorna ao palácio encantado.....	263
Poesia e prosa.....	274
Um casamento na Casa de Pedra	281

*Para minha ex-professora HATTIE GORDON SMITH,
com grata lembrança de sua simpatia e de seu encorajamento.*

*Flowers spring to blossom where she walks
The careful ways of duty,
Our hard, stiff lines of life with her
Are flowing curves of beauty¹.*

–WHITTIER

¹ Em tradução livre: “Flores desabrocham por onde ela trilha/ Os caminhos do dever com sutileza/ Nossas linhas duras e rijas da vida com ela/ São curvas fluidas da beleza”. (N. T.)



UM VIZINHO ENFURECIDO

Uma moça alta, esbelta, “passada dos dezesseis anos”, com olhos cinzentos sérios e cabelos que suas amigas diziam ser castanho-acobreados, estava sentada na extensa soleira de arenito vermelho de uma casa de fazenda na Ilha do Príncipe Edward, em uma perfeita tarde de agosto, firmemente determinada a interpretar algumas linhas de Virgílio.

De toda forma, uma tarde de agosto, com brumas azuladas que envolviam as encostas cultivadas, brisas suaves sussurrando como diabretes por entre os álamos e o esplendor dançante das papoulas vermelhas reluzindo contra o bosque escuro de jovens pinheiros em um canto do pomar de cerejeiras, era mais apropriada para sonhos do que para línguas mortas. Logo o Virgílio escorregou despercebido para o chão, e Anne, com o queixo apoiado nos dedos entrelaçados e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens fofas que se amontoavam justamente acima da residência do senhor J. A. Harrison como uma grande montanha branca, estava muito longe, em um mundo delicioso onde certa professora fazia um magnífico trabalho, modelando o destino de futuros estadistas e inspirando mentes e corações jovens com grandes e sublimes ambições.

A verdade é que, levando em conta a dura realidade, deve-se confessar que Anne raramente o fazia se não fosse obrigada. Parecia improvável que houvesse material muito promissor para celebridades na escola de Avonlea. Mas nunca é possível prever o que acontecerá se uma professora usar a sua influência para o bem. Anne tinha certos ideais romantizados do que uma professora poderia alcançar se apenas tomasse as melhores decisões; e ela estava no meio de uma cena adorável, dali a quarenta anos, com uma figura importante e de renome... O motivo exato de sua fama era convenientemente incerto, mas Anne imaginava que seria muito bom um diretor de escola ou o Primeiro-Ministro canadense, curvando-se sobre sua mão enrugada em reverência e assegurando-lhe que havia sido ela quem despertara sua ambição e que todo o seu sucesso na vida fora devido às lições que ela lhe havia ensinado na escola de Avonlea, tanto tempo atrás. Essa agradável visão foi estilhaçada por uma interrupção das mais desagradáveis.

Uma modesta vaquinha Jersey veio correndo pela alameda, e cinco segundos depois chegou o senhor Harrison, se “chegar” não for um termo muito suave para descrever a maneira como o homem irrompeu no quintal.

Ele saltou sobre a cerca sem esperar para abrir o portão e confrontou furiosamente a atônita Anne, que havia se levantado e o encarava com perplexidade. O senhor Harrison era o novo vizinho à direita, e eles ainda não tinham sido apresentados, apesar de ela já o ter visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes que Anne tivesse voltado da Queen's Academy para casa, o senhor Robert Bell, cujas terras faziam fronteira com a propriedade dos Cuthberts a oeste, vendera a fazenda e mudara-se para Charlottetown. A fazenda tinha sido comprada por um certo senhor J. A. Harrison, cujo nome e o fato de ser natural de New Brunswick eram tudo que se sabia sobre ele. No entanto, antes de completar um mês em Avonlea, ele já havia ganho a reputação de ser uma pessoa estranha, “um excêntrico”, nas palavras da senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel, por sua vez, não tinha reservas, como vocês

que já a conheceram se lembrarão. O senhor Harrison era certamente diferente das outras pessoas, e essa é a característica essencial de um excêntrico, como todos sabem.

Em primeiro lugar, ele não era de receber visitas e havia declarado publicamente que não queria baboseiras de mulheres em sua moradia. A ala feminina de Avonlea vingou-se por meio de terríveis lorotas sobre os cuidados dele com a casa e a cozinha. Ele havia contratado o pequeno John Henry Carter, de White Sands, e foi o garoto que deu início às histórias. Por exemplo, não havia horário fixo para as refeições na casa. O senhor Harrison “beliscava alguma coisa” quando sentia fome, e, se John Henry estivesse por perto no momento, ele compartilhava a comida com o menino; porém, se não estivesse, ele tinha que esperar até a próxima vez em que o senhor Harrison tivesse fome. O garoto declarou com pesar que teria morrido à míngua se não pudesse ir para casa aos domingos e se faltar e que sua mãe sempre lhe dava uma cesta com comida para levar consigo nas manhãs de segunda-feira.

Quanto a lavar a louça, o senhor Harrison não tinha intenção alguma de fazê-lo, a não ser nos domingos chuvosos. Então, ele partia para o trabalho e lavava toda a louça de uma vez no barril cheio de água da chuva e a deixava escorrendo para secar.

Novamente, o senhor Harrison foi sovina. Quando lhe perguntaram se poderia contribuir com o salário do reverendo Allan, ele respondeu que iria esperar para ver quanto valeria sua pregação, pois não queria comprar gato por lebre. E, quando a senhora Lynde foi pedir uma contribuição para as missões estrangeiras em nome da sociedade assistencial da igreja, e conseqüentemente espiar o interior da casa, o senhor Harrison respondeu que existiam mais pagãos entre as velhas fofoqueiras de Avonlea do que em qualquer outro lugar que conhecesse e que contribuiria alegremente para uma missão com o intuito de catequizá-las se ela viesse em nome disso. A senhora Lynde foi embora, dizendo que era um alívio a pobre senhora Robert Bell estar a salvo no túmulo, pois lhe teria partido o coração ver o estado da casa da qual tanto se orgulhava.

– Ora, ela esfregava o piso da cozinha dia sim, dia não – disse a senhora Lynde com indignação para Marilla Cuthbert. – Se você visse como está agora! Tive que erguer as minhas saias para atravessá-la!

Por fim, o senhor Harrison criava um papagaio chamado Ginger. Ninguém em Avonlea jamais havia tido um animal de estimação desses; conseqüentemente, isso era considerado pouco respeitável. E que papagaio! Se você acreditasse nas palavras de John Henry, não havia pássaro mais herege. Xingava terrivelmente. A senhora Carter teria tirado o filho dali na mesma hora se tivesse certeza de encontrar outro emprego para ele. Além disso, Ginger bicou o pescoço de John Henry um dia, quando ele se aproximou demais da gaiola. A senhora Carter mostrava a todos a marca quando o garoto azarado voltava para casa aos domingos.

Todas essas coisas passaram em um *flash* pela mente de Anne quando o senhor Harrison parou diante dela, aparentemente emudecido de fúria. Mesmo em seu humor mais agradável, ele não poderia ser considerado um homem elegante: ele era baixo, gordo e careca. E agora, com o rosto redondo vermelho de raiva e os proeminentes olhos azuis quase saltando das órbitas, Anne achou que ele era a pessoa mais feia que já tinha visto.

De súbito, o senhor Harrison encontrou a sua voz.

– Eu não tolerarei mais isso! – balbuciou ele. – Nenhum dia mais, ouviu, senhorita? Juro pela minha alma, essa é a terceira vez, senhorita... Terceira vez! A paciência deixou de ser uma virtude, senhorita. Eu avisei à sua tia da última vez para não deixar isso acontecer de novo, e ela deixou... Ela fez isso... E o que ela quer com isso? É o que eu quero saber! É por isso que estou aqui, senhorita.

– O senhor pode explicar qual é o problema? – pediu Anne, da forma mais digna possível. Ela vinha praticando consideravelmente tal postura nos últimos tempos, para que estivesse pronta quando as aulas recomeçassem. Mas aparentemente isso não produzia nenhum efeito no irado J. A. Harrison.

– Problema, é? Pela minha alma, acho que é um problema e tanto. O problema é que, senhorita, eu encontrei essa vaca Jersey da sua tia na minha plantação de aveia novamente, nem meia hora atrás. Pela terceira vez, veja bem. Eu a encontrei na última terça-feira e ontem. Eu vim até aqui e disse à sua tia para não deixar isso acontecer de novo. E ela deixou. Onde está a sua tia, senhorita? Eu gostaria de conversar com ela só por um minuto, para dizer-lhe o que penso, o que J. A. Harrison pensa, senhorita!

– Se o senhor se refere à senhorita Marilla Cuthbert, ela não é minha tia e ela viajou para East Grafton para visitar um parente distante que está muito doente – respondeu Anne, com o devido aumento de dignidade em cada palavra. – Sinto muito que minha vaca tenha invadido sua plantação; ela pertence a mim, e não à senhorita Cuthbert. Matthew comprou-a do senhor Bell e deu-a de presente para mim há três anos, quando ela era uma bezerrinha.

– A senhorita sente muito? Isso não vai ajudar em nada! É melhor que vá olhar a destruição que esse animal fez nas minhas aveias... pisoteando-as do centro até a extremidade!

– Sinto muitíssimo – repetiu Anne com firmeza –, mas, se o senhor mantivesse suas cercas bem reparadas, talvez Dolly não as invadisse. É a sua parte da cerca que separa seu campo de aveia do nosso pasto, e outro dia eu percebi que ela não estava em condições muito boas.

– Minha cerca está muito boa! – retrucou o senhor Harrison, com mais raiva do que nunca, na empreitada de levar a guerra até o território inimigo. – As grades de um presídio não poderiam manter aquele demônio de vaca fora da minha propriedade! E eu lhe digo, sua ruivinha, que, se essa vaca é mesmo sua, é melhor você cuidar para que ela não pisoteie os grãos de outras pessoas, em vez de ficar aí sentada lendo romances de capa amarela – disse ele, lançando um olhar fulminante ao inocente Virgílio de capa bege caído aos pés de Anne.

Naquele momento, algo mais se tornou vermelho além do cabelo de Anne, que sempre foi um de seus pontos fracos.

– Prefiro ter o cabelo vermelho a não ter cabelo algum, exceto uma linha de fiozinhos ao redor das orelhas! – replicou ela.

O tiro acertou o alvo em cheio, pois o senhor Harrison era realmente muito sensível em relação à calvície. A fúria o sufocou outra vez e ele foi capaz apenas de olhar em silêncio para Anne, que recobrou o ânimo e aproveitou a vantagem.

– Eu terei consideração pelo senhor, pois tenho imaginação. Posso facilmente imaginar o quão irritante deve ser encontrar uma vaca em seu campo de aveias, e eu não guardarei nenhum rancor pelas coisas que disse. Prometo que Dolly nunca mais voltará a invadir suas terras. Dou minha palavra de honra neste assunto.

– Bem, tome cuidado para que ela não faça mais isso – resmungou o senhor Harrison, em um tom um pouco mais contido. Mas ele se afastou bastante irritado, pisando firme, e Anne ouviu-o resmungar para si mesmo até que sua voz estivesse fora de alcance.

Gravemente perturbada, Anne atravessou o quintal e prendeu a vaca desobediente no curral.

“Ela jamais conseguirá sair dali a menos que ponha a cerca abaixo” – refletiu. “Ela me parece bem calma agora. Atrevo-me a dizer que ela comeu aveia até não poder mais. Eu deveria tê-la vendido ao senhor Shearer, quando ele quis comprá-la na semana passada, mas achei melhor esperar até o leilão do gado e me desfazer de todos os animais de uma vez. Creio que seja verdade que o senhor Harrison é um excêntrico. Certamente não há nenhum traço de alma gêmea nele.”

Anne estava sempre atenta por almas gêmeas.

Marilla Cuthbert estava entrando no quintal quando Anne voltou para a casa, então a jovem correu para preparar o chá. Elas conversaram sobre o assunto à mesa.

– Ficarei feliz quando o leilão tiver terminado – disse Marilla. – É muita responsabilidade ter tanto gado na fazenda e ninguém para cuidar deles além daquele Martin, em quem não se pode confiar. Ele ainda não voltou, apesar de ter prometido que certamente estaria de volta na noite passada se eu lhe desse um dia de folga para ir ao funeral da tia.

Não sei quantas tias ele de fato tem. Já é a quarta que morre desde que o contratamos um ano atrás. Ficarei mais que grata quando a colheita terminar e o senhor Barry assumir a fazenda. Teremos que manter Dolly presa no curral até que Martin volte, pois ela precisa ser solta no pasto dos fundos, e as cercas de lá precisam ser consertadas. Posso afirmar que este é um mundo problemático, como Rachel costuma dizer. A pobre Mary Keith está morrendo, e eu não sei o que será daquelas duas crianças! Ela tem um irmão que mora em British Columbia a quem escreveu sobre os filhos, mas ainda não recebeu uma resposta.

– Como são essas crianças? Quantos anos têm?

– Seis anos... Eles são gêmeos.

– Ah, eu sempre tive um interesse especial por gêmeos... A senhora Hammond tinha tantos! – respondeu Anne avidamente. – Eles são bonitos?

– Meu Deus, não dava para saber... Eles estavam tão sujos! Davy estava lá fora fazendo tortas de barro, e Dora saiu para chamá-lo. Ele empurrou a irmã de cabeça na maior torta e, então, por ela ter chorado, ele se enfiou no barro e ficou chafurdando para mostrar que não havia motivo para chorar. Mary disse que Dora era uma criança muito boazinha, mas que Davy era bem travesso. Pode-se dizer que ele nunca recebeu nenhum tipo de educação. O pai morreu quando ele ainda era um bebê, e Mary tem estado doente desde essa época.

– Sempre lamento muito por crianças que não tiveram educação – comentou Anne, de maneira grave. – Você sabe que eu não recebi nenhuma antes de você tomar conta de mim. Espero que o tio possa cuidar deles. Qual é o grau de parentesco entre a senhora Keith e você?

– Entre mim e Mary? Absolutamente nenhum! Era o marido dela... Ele era nosso primo em terceiro grau. Aí vem a senhora Lynde, entrando no quintal. Imaginei que ela viria para saber sobre Mary.

– Não conte a ela sobre o senhor Harrison e a vaca! – implorou Anne.

Marilla prometeu, mas a promessa foi desnecessária, pois a senhora Lynde mal havia se acomodado quando disse: